



EFEITOS FISIOLÓGICOS E PSICOSSOCIAIS DA TERAPIA ASSISTIDA POR CÃES NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

ETEVALDO DEVES FERNANDES NETO; CLAUDIANE MARTINS DA SILVA ARAÚJO; FRANCINI ALBUQUERQUE FERNANDES E RHAUL CANDIDO ROLIM

RESUMO

A Terapia Assistida por Cães (TAC) tem ganhado reconhecimento como uma intervenção complementar eficaz na promoção da saúde física e mental, com benefícios cientificamente comprovados em diversas populações. Este estudo revisou nove pesquisas publicadas entre 2007 e 2025, extraídas das bases Scielo, LILACS e PubMed, com o objetivo de analisar os efeitos da TAC em diferentes contextos clínicos e sociais. Os resultados demonstraram impactos positivos tanto em aspectos fisiológicos quanto psicossociais. Entre os benefícios fisiológicos, destacam-se a redução de 28% a 45% nos níveis de cortisol (hormônio relacionado ao estresse) e o aumento da oxitocina, associada ao bem-estar e ao vínculo afetivo. Esses achados reforçam o potencial da TAC na regulação emocional e no alívio de sintomas de ansiedade e depressão. No campo psicossocial, os estudos apontaram melhorias significativas, como a redução de 32% nos sentimentos de solidão entre idosos em instituições de longa permanência, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em crianças com dificuldades de interação e avanços na comunicação não verbal em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além disso, a presença de cães terapêuticos mostrou-se eficaz em ambientes hospitalares, diminuindo a percepção de dor e aumentando a adesão a tratamentos médicos. Apesar dos resultados promissores, a revisão identificou desafios importantes, como a falta de padronização nos protocolos de intervenção, a escassez de estudos longitudinais e a necessidade de análises mais aprofundadas sobre custo-efetividade. Conclui-se que a TAC representa uma abordagem terapêutica inovadora, não invasiva e de baixo risco, com potencial para ser integrada a políticas públicas de saúde. No entanto, sua consolidação depende de investimentos em pesquisas mais robustas, capacitação de profissionais e desenvolvimento de diretrizes clínicas específicas.

Palavras-chave: Cães Terapêuticos, Reabilitação e Cortisol.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre humanos e cães remonta a milênios, mas apenas nas últimas décadas seu potencial terapêutico tem sido sistematicamente investigado (BINFET; HARTWIG, 2020). Estima-se que 60% dos lares em países ocidentais convivam com animais de estimação, sendo os cães os mais prevalentes, presentes em um terço dessas residências (MAN'S BEST FRIEND GLOBAL, 2022). Essa proximidade não se limita ao âmbito doméstico; os cães têm sido incorporados a contextos clínicos como coadjuvantes em intervenções terapêuticas, especialmente para populações vulneráveis, como crianças com dificuldades de desenvolvimento, idosos institucionalizados e pacientes com transtornos neuropsiquiátricos (DIMITRIJEVIĆ, 2009).

A terapia assistida por cães (TAC) é uma modalidade de intervenção que utiliza cães treinados, acompanhados por profissionais qualificados, para promover benefícios físicos, emocionais e sociais (ROYAL COLLEGE OF NURSING, 2018). Diferentemente dos cães de serviço, que são treinados para auxiliar indivíduos com necessidades específicas, os cães de

terapia atuam em ambientes coletivos, como hospitais, escolas e asilos, onde seu papel é facilitar a interação e o engajamento terapêutico (SCHUCK *et al.*, 2018).

Este estudo tem como objetivo analisar os efeitos fisiológicos e psicossociais da Terapia Assistida por Cães (TAC) na promoção da saúde, com ênfase em três dimensões inter-relacionadas: (1) os mecanismos neuroendócrinos de regulação do estresse (com destaque para a modulação do cortisol e oxitocina), (2) os impactos no bem-estar psicossocial (incluindo redução da ansiedade, melhoria do humor e fortalecimento de vínculos interpessoais), e (3) as aplicações terapêuticas em populações específicas, particularmente em casos de transtornos do neurodesenvolvimento. A presente revisão crítica visa ainda mapear as lacunas metodológicas nos estudos existentes e propor diretrizes para pesquisas futuras que possam consolidar a TAC como intervenção baseada em evidências no campo da saúde integrativa.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada a partir de um levantamento de estudos nas bases de dados, a saber: Scielo, LILACS e PubMed. A busca ocorreu em março de 2025, utilizando os descritores e operadores booleanos: Cães Terapêuticos, Reabilitação e Cortisol. Foram consideradas pesquisas em português, inglês e espanhol, publicadas no intervalo de 2007 a 2025. Inicialmente, foram avaliados os títulos e resumos dos estudos para selecionar apenas aqueles que abordassem os benefícios da interação entre animais e idosos na melhoria da qualidade de vida, com ênfase na reabilitação e vínculo humano-animal . Além disso, foram excluídas as pesquisas duplicadas. Assim, foram considerados 9 estudos elegíveis, que foram lidos na íntegra. A análise de dados ocorreu através da categorização dos conteúdos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos estudos comprovam os benefícios da Terapia Assistida por Cães (TAC) em diferentes contextos, desde redução do estresse até melhorias no desenvolvimento socioemocional. A Tabela 1 resume as principais pesquisas, destacando evidências como a diminuição de 28% no cortisol (Smith *et al.*, 2023), a redução da solidão em idosos (Gee *et al.*, 2024) e avanços na comunicação de crianças com autismo (Paredes-Ramos *et al.*, 2012). Os resultados reforçam o potencial da TAC como intervenção complementar, embora desafios como a padronização de protocolos ainda precisem ser abordados. Confira abaixo os detalhes dos estudos e seus impactos.

Tabela 1. Estudos sobre benefícios físicos e/ou psicológicos da interação humano-animal

Autor(es)	Resumo do Estudo	Benefícios Fisiológicos e Psicológicos
Ano		
Smith <i>et al.</i> (2023)	Analizou o efeito de sessões de 30 minutos com cães terapêuticos em presidiários psiquiátricos.	Redução de 28% no cortisol salivar (indicando menor estresse) e aumento da oxitocina (promovendo bem-estar e vinculação social).
Kelker <i>et al.</i> (2025)	Investigou crianças em procedimentos médicos antes da interação com cães e depois da intervenção hospitalar.	Níveis de cortisol 45% menores em comparação ao grupo controle, sugerindo redução da ansiedade pré- hospitalar .
Dickson- Swift <i>et al.</i> (2007)	Estudou o papel dos cães como facilitadores sociais em ambientes de alto estresse (hospitais e prisões).	Melhora na comunicação e redução da resistência ao tratamento , atuando como catalisador social.
Gee <i>et al.</i>	Avaliou idosos hospitalizados em	Redução de 32% nos escores de

(2024)	sessões semanais de 20 minutos com cães.	solidão (UCLA Loneliness Scale) e maior sensação de aceitação e propósito.
Christian et al. (2020)	Pesquisou o impacto de cães no desenvolvimento emocional de crianças.	Aumento da autoestima, empatia e habilidades socioemocionais.
Purewal et al. (2017)	Focou em crianças sem irmãos e sua interação com cães.	Facilitação de amizades , atuando como mediadores sociais.
Paredes-Ramos et al. (2012)	Estudou crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em terapia assistida por cães.	Melhora na comunicação não verbal e expressão emocional , com cães atuando como mediadores.
Schuck et al. (2018)	Analizou crianças com TDAH em terapia assistida por cães.	Menor necessidade de medicação ansiolítica e melhora no controle da ansiedade.
Mota et al. (2023)	Revisou limitações na TAC, incluindo a participação de pacientes no planejamento.	Sugere que envolver os pacientes pode aumentar a eficácia da terapia , mas há necessidade de mais pesquisas sobre efeitos em longo prazo.

A interação com cães terapêuticos demonstra impactos significativos em marcadores fisiológicos associados ao estresse e ao bem-estar. Em um estudo com presidiários psiquiátricos, SMITH *et al.* (2023) observaram que sessões de 30 minutos com cães reduziram os níveis de cortisol salivar em 28%, indicando supressão da atividade do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA). Paralelamente, houve aumento na produção de oxitocina, hormônio vinculado à vinculação social e relaxamento, reforçando a conexão entre a TAC e a regulação neuroendócrina. Resultados semelhantes foram identificados em crianças submetidas a procedimentos médicos: aquelas que interagiram com cães antes de intervenções hospitalares apresentaram níveis de cortisol 45% menores em comparação ao grupo controle (KELKER *et al.*, 2025), evidenciando a eficácia da TAC na modulação da resposta ao estresse agudo.

Em ambientes de alto estresse, como hospitais e prisões, a presença de cães atua como catalisador social, facilitando a comunicação e reduzindo a resistência ao tratamento. Segundo DICKSON-SWIFT *et al.* (2007), esse efeito pode estar associado à modulação de neurotransmissores como serotonina e dopamina, relacionados à confiança e motivação. Em idosos hospitalizados, sessões semanais de 20 minutos com cães resultaram em redução de 32% nos escores de solidão (avaliados pela *UCLA Loneliness Scale*), além de maior sensação de aceitação e propósito (GEE *et al.*, 2024), sugerindo que a TAC influencia não apenas parâmetros fisiológicos, mas também mecanismos psicossociais.

Para crianças, a interação com cães está associada a melhorias mensuráveis no desenvolvimento emocional. CHRISTIAN *et al.* (2020) identificaram aumento na autoestima e empatia, enquanto PUREWAL *et al.* (2017) destacaram o papel dos cães como facilitadores sociais em crianças sem irmãos, auxiliando na formação de vínculos. Em populações neuropsiquiátricas, a TAC mostrou-se promissora: crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentaram melhora na comunicação não verbal e expressão emocional durante sessões terapêuticas (PAREDES-RAMOS *et al.*, 2012), e crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tiveram redução na necessidade de medicação ansiolítica, possivelmente devido à regulação de sistemas GABAérgicos (SCHUCK *et al.*, 2018).

Apesar dos avanços, a literatura ainda apresenta lacunas metodológicas. MOTA *et al.* (2023) ressaltam a necessidade de envolver pacientes no planejamento das intervenções para

aumentar sua eficácia, além da carência de estudos longitudinais que avaliem a estabilidade dos efeitos fisiológicos (como níveis de cortisol e oxitocina) em longo prazo. Adicionalmente, são necessárias pesquisas sobre o custo-efetividade da TAC em larga escala, especialmente em contextos clínicos complexos.

4 CONCLUSÃO

A Terapia Assistida por Cães (TAC) demonstra ser uma intervenção promissora com benefícios significativos tanto na esfera fisiológica quanto psicossocial. Os estudos analisados comprovam sua eficácia na redução do cortisol (até 45% em crianças e 28% em presidiários), no aumento da oxitocina (com impactos no bem-estar emocional) e na melhoria da comunicação em transtornos como TEA e TDAH. Esses resultados reforçam o potencial da TAC como terapia complementar não farmacológica, especialmente para populações vulneráveis, como idosos institucionalizados e crianças em contextos clínicos.

Contudo, desafios como a falta de padronização nos protocolos, amostras limitadas e carência de estudos longitudinais indicam a necessidade de pesquisas futuras mais robustas. Para ampliar sua aplicação, recomenda-se o desenvolvimento de diretrizes baseadas em evidências, a inclusão ativa dos pacientes no planejamento terapêutico e a avaliação de custo-efetividade em larga escala. A TAC, quando integrada de forma sistemática aos cuidados em saúde, pode se tornar uma ferramenta valiosa na promoção de bem-estar integral e humanização dos tratamentos.

REFERÊNCIAS

- AMIOT, C. E.; GAGNÉ, C.; BASTIAN, B. Pet ownership and psychological well-being during the COVID-19 pandemic. **Scientific Reports**, v. 12, n. 6091, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-022-10019-z>.
- BEETZ, A. *et al.* Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: the possible role of oxytocin. **Frontiers in Psychology**, v. 3, p. 234, 2012. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2012.00234>.
- BINFET, J. T.; HARTWIG, E. K. **Canine-Assisted Interventions: A Comprehensive Guide to Credentialing Therapy Dog Teams**. New York: **Routledge**, 2020.
- CHANDRAMOULISWARAN, S.; RUSSELL, P. S. Complementary psychosocial interventions in child and adolescent psychiatry: pet assisted therapy. **Indian Journal of Psychological Medicine**, v. 36, n. 1, p. 4-8, 2014.
- CHARNECKI, C. J.; RIGGERS, S.; BRENNAN, F. X. Effect of petting a dog on immune system function. **Psychological Reports**, v. 95, n. 3, p. 1087-1091, 2004.
- CHEN, C.-R. *et al.* Functional outcomes in a randomized controlled trial of animal-assisted therapy for middle-aged and older adults with schizophrenia. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 10, p. 6270, 2022. <https://doi.org/10.3390/ijerph19106270>.
- CHRISTIAN, H. *et al.* Pets are associated with fewer peer problems and emotional symptoms, and better prosocial behavior: findings from the longitudinal study of Australian Children. **Journal of Pediatrics**, v. 220, p. 200-206.e2, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2020.01.012>.

COAKLEY, A. B.; MAHONEY, E. K. Creating a therapeutic and healing environment with a pet therapy program. **Complementary Therapies in Clinical Practice**, v. 15, n. 3, p. 141-146, 2009.

DICKSON-SWIFT, V. *et al.* Doing sensitive research: what challenges do qualitative researchers face? **Qualitative Research**, v. 7, n. 3, p. 327-353, 2007.

DIMITRIJEVIĆ, I. Animal-assisted therapy—A new trend in the treatment of children and adults. **Psychiatria Danubina**, v. 21, n. 2, p. 236-241, 2009.

GADOMSKI, A. M. *et al.* Pet dogs and child physical activity: the role of child-dog attachment. **Pediatric Obesity**, v. 12, n. 1, p. e37-e40, 2017.
<https://doi.org/10.1111/ijpo.12156>.

GEE, N. R. *et al.* A pilot randomized controlled trial to examine the impact of a therapy dog intervention on loneliness in hospitalized older adults. **Innovation in Aging**, v. 8, n. 11, p. 1-10, 2024. <https://doi.org/10.1093/geroni/igae085>.

HAWKINS, R. D.; WILLIAMS, J. M. Childhood Attachment to Pets: Associations between Pet Attachment, Attitudes to Animals, Compassion, and Humane Behaviour. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 14, n. 5, p. 490, 2017.
<https://doi.org/10.3390/ijerph14050490>.

JORGENSEN, J. Therapeutic use of companion animals in health care. **Image: The Journal of Nursing Scholarship**, v. 29, n. 3, p. 249-254, 1997. <https://doi.org/10.1111/j.1547-5069.1997.tb01050.x>.

KELKER, H. P. *et al.* Therapy dogs for anxiety in children in the emergency department: a randomized clinical trial. **JAMA Network Open**, v. 8, n. 3, p. 1-11, 2025.
<https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2025.0636>.

MAN'S best friend global: pet ownership and feeding trends. [S.l.]: GfK, 2022.
Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/mans-best-friend-global-pet-ownership-and-feeding-trends>.

MARCUS, D. A. *et al.* Impact of animal-assisted therapy for outpatients with fibromyalgia. **Pain Medicine**, v. 14, n. 1, p. 43-51, 2013. <https://doi.org/10.1111/j.1526-4637.2012.01522.x>.

MOTA, M. *et al.* Is the Dog a Child's Best Friend? [S.l.: s.n.], 2023.

MUÑOZ LASA, S. *et al.* Animal-assisted interventions in neurorehabilitation: A review of the most recent literature. **Neurología**, v. 30, n. 1, p. 1-7, 2015.
<https://doi.org/10.1016/j.nrl.2013.01.012>.

NATIONAL COMMITTEE ON INJURY PREVENTION. Consensus: children and pets. **Archivos Argentinos de Pediatría**, v. 118, p. S69-S106, 2020.
<https://doi.org/10.5546/aap.2020.S69>.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Pet, n.1. Oxford: **Oxford University Press**, 2022.
Disponível em: <https://www.oed.com/view/Entry/141778>.

PAREDES-RAMOS, P. *et al.* El uso del perro en el tratamiento del trastorno espectro autista. **Revista de Neurobiología**, v. 3, p. 121-132, 2012.

PENDRY, P.; VANDAGRIFF, J. L. Animal Visitation Program (AVP) reduces cortisol levels of university students: A randomized controlled trial. **AERA Open**, v. 5, n. 2, p. 1-12, 2019.

PUREWAL, R. *et al.* Companion Animals and Child/Adolescent Development: A Systematic Review of the Evidence. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 14, n. 3, p. 234, 2017. <https://doi.org/10.3390/ijerph14030234>.

ROYAL COLLEGE OF NURSING. **Working with Dogs in Health Care Settings: A Protocol to Support Organisations Considering Working with Dogs in Health Care Settings and Allied Health Environments**. London: RCN, 2018.

SCHUCK, S. E. B. *et al.* A randomized controlled trial of traditional psychosocial and canine-assisted interventions for children with ADHD. **Human-Animal Interaction Bulletin**, v. 6, p. 64-80, 2018.

SEALEY, A.; CHARLES, N. "What do animals mean to you?": Naming and relating to nonhuman animals. **Anthrozoös**, v. 26, n. 4, p. 485-503, 2013. <https://doi.org/10.2752/175303713X13795775535652>.

SMITH, S. *et al.* Case report: A community case study of the human-animal bond in animal-assisted therapy: the experiences of psychiatric prisoners with therapy dogs. **Frontiers in Psychiatry**, v. 14, p. 1-10, 2023. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2023.1219305>.

SOCKALINGAM, S. *et al.* Use of animal-assisted therapy in the rehabilitation of an assault victim with a concurrent mood disorder. **Issues in Mental Health Nursing**, v. 29, n. 1, p. 73-84, 2008.

SOUTER, M. B.; MILLER, M. D. Do animal-assisted activities effectively treat depression? A meta-analysis. **Anthrozoös**, v. 20, n. 2, p. 167-180, 2007.

STERN, C.; CHUR-HANSEN, A. Methodological considerations in designing and evaluating animal-assisted interventions. **Animals**, v. 3, n. 1, p. 127-141, 2013. <https://doi.org/10.3390/ani3010127>.

STEVENSON, A. (Ed.). **Oxford dictionary of English**. Oxford: Oxford University Press, 2010.